

Olhando para os objetos no Museu Histórico Nacional: uma análise das conversas e interações de famílias

RESUMO

Este estudo analisa os resultados das interações e conversas de famílias em visita às exposições no Museu Histórico Nacional (MHN), localizado no Rio de Janeiro. Para explorar a experiência de visita, onze famílias tiveram suas visitas gravadas com uma câmera subjetiva acoplada a um colete e ajustada ao tórax de um participante de cada grupo. O material audiovisual foi analisado no *software Dedoose* para identificação dos tipos de interações com a exposição, entre si e dos conteúdos conversacionais. Os resultados trazem evidências que as conversas que ocorreram no MHN foram importantes para as famílias construírem entendimentos de cultura, história e ciência. Neste contexto, os objetos foram fundamentais para apoiar a aprendizagem, porque são evidências de um determinado tempo e cultura que, para serem compreendidos, precisam de uma definição, explicação e contextualização aceitáveis. Além disso, a interação contemplativa proporcionada pelo MHN, enriqueceu as interpretações e os significados que as famílias construíram.

PALAVRAS-CHAVE: Famílias. Conversas. Museus de História.

Luisa Massarani

luisa.massarani@fiocruz.br
orcid.org/0000-0002-5710-7242

Instituto Nacional de Comunicação
Pública da Ciência e Tecnologia, Casa
Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Rio de
Janeiro, Brasil

Grazielle Scalfi

graziscalfi@gmail.com
orcid.org/0000-0002-1417-1287

Instituto Nacional de Comunicação
Pública da Ciência e Tecnologia, Rio de
Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Waneicy Gonçalves

waneicy88@gmail.com
orcid.org/0000-0003-1576-2510

Instituto Nacional de Comunicação
Pública da Ciência e Tecnologia, Rio de
Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Juliana Magalhães

dearaujojm@gmail.com
orcid.org/0000-0002-6051-7381

Instituto Nacional de Comunicação
Pública da Ciência e Tecnologia, Rio de
Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Alice Ribeiro

alice.ribeiro_geo@gmail.com
orcid.org/0000-0001-8012-6970

Instituto Nacional de Comunicação
Pública da Ciência e Tecnologia, Rio de
Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Juliane Barros da Silva

juliane.barros@usp.br
orcid.org/0000-0002-9267-9676

Instituto Nacional de Comunicação
Pública da Ciência e Tecnologia, Rio de
Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

INTRODUÇÃO

Podemos considerar que um museu de história se caracteriza pelo fato de ter sua narrativa e temática orientadas a partir da disciplina História e/ou por ter um acervo predominantemente histórico. Nessa perspectiva, os museus de história são instituições científicas que abrigam uma multiplicidade tipológica de acervo agrupadas por temáticas e narrativas significativas (GURIAN, 1999). Como tal, objetos representativos de arte, ciência e/ou história e as mensagens que compõem as exposições nos museus carregam ideias e histórias, representam pessoas reais, tornam o passado abstrato tangível e atual e fazem dessa experiência um estímulo à curiosidade, um momento para aprofundar a compreensão de determinados temas, evocar memórias e promover a aprendizagem (LEINHARDT; CROWLEY, 2002; PARIS, 2002).

Em geral, o acervo de um museu é selecionado por conter documentos e objetos de alto valor cultural, que são elementos únicos de uma determinada categoria ou também pelo motivo oposto, ou seja, por serem comuns de um grupo, tempo ou lugar interessante ou importante (LEINHARDT; CROWLEY, 2001). Paris e Hapgood (2002) acrescentam que há também conotações políticas e sociais nas escolhas de objetos que refletem perspectivas locais e nacionais.

Para Paris e Hapgood (2002), os objetos nos museus de história tornam-se pistas para memórias institucionais de eventos passados, mas também são pontes para memórias reconstruídas por indivíduos. Gurian (1999) sugere que os objetos não são importantes apenas como artefatos, mas sim como estímulos para os visitantes criarem seus próprios significados. Dessa forma, o valor social, cultural e educacional percebido em um objeto é altamente dependente do contexto no qual esse objeto existe, bem como a relação desse com o público (PARIS, 2002).

Marandino (2008) afirma que os objetos são fundamentais na história dos museus e nos processos educativos que ocorrem nessas instituições. Em suas palavras, os objetos têm a “capacidade de promover fascínio e expectativas, de provocar conversas de naturezas diferenciadas, de conquistar e convidar” (MARANDINO, 2008, p. 1). Na mesma direção, outros pesquisadores argumentam que os museus são lugares onde há sistemas de objetos que apoiam as conversas de aprendizagem dos visitantes (ASH; LEVITT, 2002; BORUM, 2002; LEINHARDT; CROWLEY, 2002). No entanto, Leinhardt e Crowley (2001) também alertam que os objetos “não falam por si” (p. 11) e que, para que as características dos objetos sejam exploradas, principalmente no caso das crianças, é preciso que um adulto “fale pelos objetos” para elas, afinal, sua vivência e conhecimento prévio sobre o tema podem ser incipientes.

No Brasil, mais de 1700 museus consideram que possuem temática de história. Assim, os museus de história possuem grande relevância na nossa sociedade e de alcance de público, apresentando-se enquanto recursos valiosos para os diversos públicos, incluindo famílias, construir significado sobre o mundo social por meio do envolvimento com as exposições e por meio das conversas ocorridas durante as visitas, cuja análise possibilita entender a experiência dos visitantes em museus.

O papel das conversas nas experiências vivenciadas

O propósito da conversa é explorar, imaginar, fazer comentários e encontrar significados nos contextos e no relacionamento interpessoal (MAYER, 2007). Leinhardt e Knutson (2004) referem-se à conversação como um modelo de engajamento explicativo, em suas palavras, “um momento real de co-construção de significado” (p. xv).

Em um espaço de educação não formal, como um museu, a conversa está mais próxima do tipo de comunicação comum que ocorre na vida cotidiana. As pessoas falam livremente sobre tudo, co-constroem significados e direcionam a conversa para onde desejam (BILINGS; FITZGERALD, 2002; WELLS, 2001). Essa conversação é considerada um método de aprendizagem cooperativo informal e exploratório (NODDINGS, 1992, 2002; YANKELOVICH, 1999). Para Massarani e colaboradores (2019), nos museus, as conversas podem ocorrer dentro de três tipos de interação: entre os próprios visitantes, com os mediadores do museu e os módulos expositivos. De acordo com os autores, investigar como essas conversas ocorrem contribui para uma melhor compreensão da experiência dos visitantes nesses espaços.

Leinhardt e Knutson (2004) argumentam que as conversas que ocorrem entre os visitantes são mais confortáveis que as conversas entre os visitantes e os educadores, por exemplo, pois carregam uma menor preocupação do visitante sobre sua falta de conhecimento sobre determinado tema. Quando os visitantes estão envolvidos com a exposição, as conversas oferecem oportunidades para os indivíduos compararem e contrastarem suas respostas com as dos outros, se constituindo, em alguns momentos, em importantes fontes de aprendizado. Como tal, o valor das conversas é implicitamente reconhecido como um meio de criar interação social e ambientes de aprendizagem participativa, porque a conversa requer que os participantes mediem significados, contribuindo assim para a aprendizagem dos indivíduos (JOHNSON; JOHNSON, 1987; LEINHARDT; KNUTSON, 2004; YANKELOVICH, 1999).

Indicadores conversacionais importantes incluem nomear ou descrever objetos, direcionar a atenção, fazer perguntas, explicar e fazer conexões pessoais (ALLEN, 2002, HUMPHREY; GUTWILL, 2005, LEINHARDT; CROWLEY, 2002). Allen (2002), por exemplo, ao estudar uma exposição sobre sapos no Exploratorium (Estados Unidos), usou como unidades de análise e evidências de aprendizagem a fala perceptual, ou seja, o discurso relacionado à identificação, nomeação e característica específicas de algo. Portanto, as conversas são unidades importantes de análise que servem para estudar, conectar e explicar aspectos sobre a experiência de visita ao museu, a medida em que as famílias se envolvem com objetos e conversam entre si.

Tenenbaum e colaboradores (2010) investigaram como as famílias se envolviam em três exposições no Museu Britânico, utilizando um livreto e uma mochila com atividades desenvolvidas pela equipe do museu para interagirem durante a visita. As famílias foram convidadas de forma aleatória e aquelas que aceitavam participar tinham suas visitas gravadas por meio de câmeras de vídeo digitais e microfones que estavam colocados estrategicamente nas duas exposições investigadas. Outras famílias, na condição de controle, foram convidadas a realizarem a visita sem adereços. Como resultado, foi verificado que

as famílias que utilizaram os livretos e as mochilas ficaram por mais tempo na exposição e também conversaram mais. Os pais fizeram mais perguntas sobre aspectos históricos relacionados à exposição às crianças, do que as famílias-controlado.

Attisano e colaboradores (2022) analisaram as interações e conversas espontâneas de 40 crianças, entre 4 e 8 anos, com os seus responsáveis e mediadores, ao visualizarem os artefatos em um museu de história viva, que simulava uma aldeia no ano de 1914, com histórias autênticas e artefatos que os visitantes podiam explorar. Os pesquisadores identificaram que tanto os adultos responsáveis quanto a equipe do museu ofereceram oportunidades de aprendizado para as crianças e que a natureza das discussões sobre os artefatos aumentava com a idade. Enquanto os adultos eram mais propensos a identificar os artefatos (nome / categoria) usando perguntas de pensamento crítico, os mediadores utilizaram estratégias de operação (como funciona e/ou é usado) e propósito (porque foi projetado e/ou para que era usado), ambas estratégias compatíveis com a forma com a qual as crianças aprendem novos conceitos.

Mediante o exposto, analisar como a exposição e os objetos contribuem para as conversas dos visitantes nos museus é um passo importante para construir uma compreensão das experiências do público em museus de história. Por essa razão, neste estudo, nosso objetivo é compreender as interações e conversas das famílias enquanto visitam exposições no Museu Histórico Nacional (MHN), localizado no Rio de Janeiro. Para isso, as questões que orientam essa investigação são:

1. Como os integrantes das famílias interagem entre si e com as exposições do MHN?
2. Quais os conteúdos conversacionais de famílias em visita espontânea às exposições do MHN?
3. Como a exposição e os objetos contribuem para a construção de significado das famílias?

METODOLOGIA

Com uma abordagem qualitativa, a presente investigação caracteriza-se como um estudo de caso (YIN, 2001). Inserido em uma investigação mais ampla realizada no âmbito do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (ver: MASSARANI *et al.*, 2019a; MASSARANI *et al.*, 2019b; MASSARANI *et al.*, 2020), o estudo contribui para preencher uma lacuna no conhecimento atual sobre as conversas familiares nos museus de história e para ampliar os estudos de público em museus.

O Museu Histórico Nacional

Inaugurado em 1922, o MHN está localizado no centro do Rio de Janeiro e se dedica à exposição da história do Brasil. São 9.000m² de área expositiva, com exposições de longa e curta duração que contam a história do conjunto arquitetônico da Fortaleza de Santiago, à qual o museu pertence, e apresentam a história do país por meio de coleções e acervos de arte religiosa, armaria, joalheria, obras de arte, brinquedos etc. Entre 2016 e 2019, “teve média de 85

mil visitantes por ano” (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, 2020, p. 13). Considerando-se especificamente o público familiar, vale mencionar que atividade voltada para ele, intitulada Bondinho da História, alcançou, entre 2018 e 2019, média anual de 700 visitantes (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, 2020). O museu tem dois andares e, neste estudo, fizemos um recorte de algumas exposições para acompanhamento dos visitantes. As exposições selecionadas estão localizadas no segundo andar e são descritas a seguir (Quadro 1):

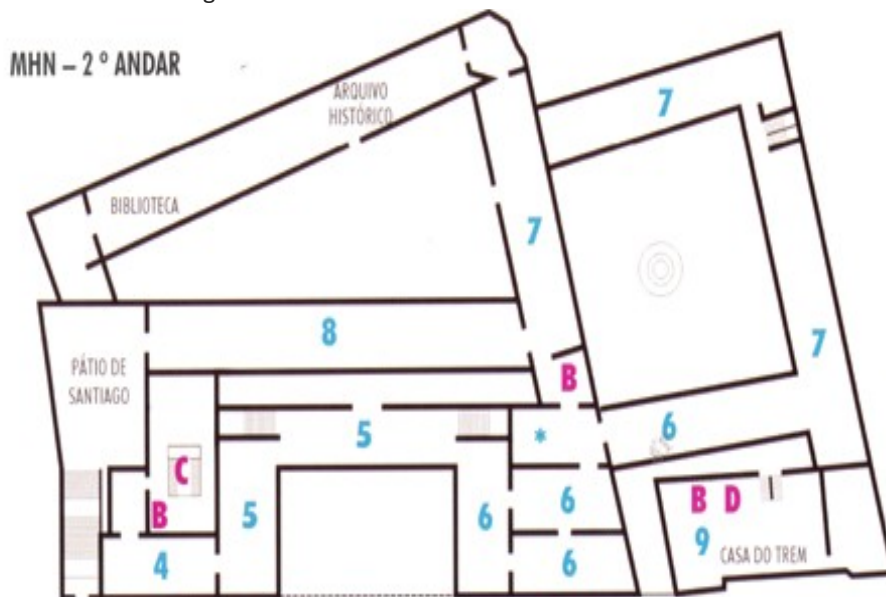
Dados dos autores: a primeira letra de cada nome em maiúscula e o restante em minúsculo. Abaixo do nome do autor deve constar o e-mail, o número ORCID (elemento obrigatório) e o vínculo institucional, contendo nome da instituição, sigla, cidade, estado e país, separados por vírgula. Não devem ser utilizadas abreviaturas nos nomes dos autores.

Quadro 1 - Descrição das salas do MHN do Rio de Janeiro analisadas

Salas	Descrição
4. Sala Jenny Dreyfus	Um grande salão que contempla a narrativa histórica vinculada ao fundador do MHN e com uma leitura iconográfica dos seguintes códigos: manuelinos, filipinos e afonsinos. Apresenta também alegorias a Leis cívicas brasileiras e aos direitos romanos.
5. Exposição Oreretama	É dividida em três salas. A exposição faz uma ambientação das paredes com vestígios arqueológicos encontrados no Parque Nacional Serra da Capivara. Destaca os Sambaquis, encontrados no litoral do Rio de Janeiro, e mostra apontamentos sobre choques culturais entre indígena e europeu (características e as perdas culturais e a importância dos povos originários - módulo: “O dono da terra”).
6. Portugueses no Mundo e Farmácia Teixeira Novaes*	Três salas são destinadas a apresentar as expansões marítimas e territorial portuguesas e como isso influenciou a história comercial do mundo e as mudanças que o Brasil sofreu com a chegada desses. A narrativa aponta marcos cronológicos do Brasil colônia, seu desenvolvimento como nação, suas guerras, a escravidão, o sincretismo religioso. A Pharmacia homeopática Teixeira Novaes ocupa uma sala com o pé direito maior, simulando sua ambientação original de 1983 e, desta forma, o local proporciona um descanso contemplativo.
7. A construção do Estado	Ocupa quatro salas que contemplam a família e a figura do Imperador Dom Pedro II, a partir de três enfoques: a) filosófico e sua relação com os avanços artísticos, científicos, tecnológicos; b) o imperador por ele mesmo, com frases do próprio revelando seu modo de ver temas como a educação, o dever do Estado, a saúde etc.; e c) o imperador visto pela imprensa, onde se destacam textos de jornais e charges.

Fonte: As autoras (2023).

Figura 1 - Planta baixa do 2º andar do MHN



Fonte: Site do museu (2023). Disponível em <<https://mhn.museus.gov.br/index.php/oreretama>>

Procedimentos

A coleta de dados foi realizada no dia 16 de abril de 2022. Como parte das comemorações do centenário do museu e do bicentenário da independência do Brasil, a entrada do museu estava gratuita. O público-alvo deste estudo incluiu famílias com crianças na faixa etária de 6 a 12 anos. O convite para participação foi feito pela equipe de pesquisadoras que, ao identificar famílias que correspondiam aos requisitos preestabelecidos, faziam a abordagem e explicavam os objetivos e método empregado. Em caso de aceite, uma entrevista prévia era entregue a um responsável do grupo para preenchimento com informações sobre perfil sociocultural e expectativas de visita. Além disso, seguindo os protocolos éticos, o termo de consentimento livre e esclarecido era assinado.

Para registro audiovisual da visita, uma criança de cada grupo recebeu uma câmera subjetiva do tipo *GoPro* acoplada a um colete e este foi ajustado ao tórax da criança. No total, foram convidadas 17 famílias. Seis famílias recusaram a participação: três delas porque as crianças não se sentiram à vontade e as outras três por motivos não especificados pelos responsáveis. Assim, o total de famílias participantes foi de 11 grupos.

Durante a visita, as famílias ficaram à vontade para visitar o espaço do museu, sendo esta uma visita livre, sem mediadores à disposição. Ao finalizarem, as crianças entregavam a câmera e cada um do grupo respondia uma pergunta final sobre o que mais gostaram na visita.

Participantes

Em reconhecimento à diversidade de tipos de famílias, uma família é operacionalmente definida como indivíduos biologicamente relacionados de múltiplas gerações ou como aquelas que apresentam uma formação distinta da família nuclear, e que por seus relacionamentos afetivos, por exemplo, se

declaram como família (BRISEÑO-GARZON, 2010; USS CONSTITUTION MUSEUM, 2018). Em consonância com isso, a composição familiar dos grupos participantes foi diversa, incluindo mães, pais, madrinhas, tia e avó. Na Tabela 1, apresentamos os grupos participantes do estudo.

Tabela – 1 Grupos participantes do estudo

Família	Adultos Parentesco	Idade	Profissão	Criança Gênero e idade
1	A1: Avó	65	Aposentada	C1: Feminino, 7 anos
	A2: Tia	17	-	
2	A1: Mãe	30	Técnica de laboratório	C1: Feminino, 12 anos
3	A1: Pai	42	Arquiteto	C1: Feminino, 7 anos
	A2: Mãe	42	Urbanista	
4	A1: Madrinha	39	Analista de sistemas	C1: Masculino, 12 anos C2: Masculino, 11 anos C3: Masculino, 10 anos
	A2: Madrinha	37	-	
	A3: Madrinha	42	-	
5	A1: Mãe	43	Do lar	C1: Masculino, 9 anos C2: Masculino, 11 anos
6	A1: Pai	57	Professor	C1: Feminino, 10 anos C2: Masculino, 5 anos
	A2: Mãe	39	Professora	
7	A1: Pai	34	Militar	C1: Feminino, 8 anos C2: Feminino, 8 anos C3: Masculino, 13 anos
	A2: Mãe (C1)	33	Professora	
	A3: Mãe (C2 e C3)	40	Enfermeira	
8	A1: Mãe (C1)	38	Produtora cultural	C1: Feminino, 7 anos C2: Masculino, 3 anos
	A2: Pai (C1)	25	Entregador	
	A1: Mãe (C2)	-	Advogada	
	A2: (Pai) C2)	-	Advogado	
9	A1: Mãe	41	Fonoaudióloga	C1: Masculino, 10 anos C2: Masculino, 4 anos
	A2: Tia	33	-	
	A3: Tia	47	-	
10	A1: Mãe	41	Contadora	C1: Masculino, 7 anos
	A2: Pai	56	Advogado	
11	A1: Mãe	34	Nutricionista	C1: Masculino, 8 anos

Chama a atenção durante a visita o papel da figura feminina (mães, avós, tias e madrinhas). Cinco das 11 famílias estavam acompanhadas de uma figura masculina (F3, F6, F7, F8, F10), mas com exceção das famílias 3, 6 e 10 formadas por díades de pai e mãe, os outros grupos eram majoritariamente composto por mulheres. Esse resultado é interessante, visto que a pesquisa ‘Cultura nas capitais’ (Leiva, 2018), realizada com 33 milhões de brasileiros, mostra que o acesso de mulheres com crianças até 12 anos aos museus é menor do que o de homens na mesma situação.

Em relação à localização, os visitantes eram todos residentes da cidade do Rio de Janeiro. As crianças dos grupos 1 e 4 e uma das crianças dos grupos 5 e 6 são estudantes de escolas públicas. As demais, com exceção das do grupo 7, que não responderam tal informação, estudam em escolas particulares. Podemos classificar as famílias participantes como frequentadoras de museus, que visitam estes espaços uma ou mais de uma vez ao ano, pois apenas o grupo 8 disse não ter o hábito de visitar museus/exposições. Nos grupos 1, 4, 5, 7 e 9, ao menos um integrante já conhecia o MHN, os demais grupos ainda não conheciam. Com exceção do grupo 1 (que estava fazendo passeio histórico pelos museus do Rio) e do 10 (que estava em busca de mostrar a história do Brasil para o filho mais novo), os demais grupos foram ao MHN motivados pela exposição *Terra à vista e Pé na lua* - referenciada pelos grupos como “exposição do Ziraldo” -, que estava acontecendo temporariamente em um dos espaços do MHN¹.

Análise

Os dados audiovisuais coletados foram codificados no *software Dedoose* por meio do protocolo desenvolvido pelo grupo de pesquisa no qual este estudo se insere (descrito em detalhes pelo Massarani et al., 2019c). Resumidamente, o protocolo, que teve como ponto de partida Allard e Boucher (1998), é composto por cinco dimensões e suas categorias correspondentes, e inclui três elementos da visita: (i) os próprios visitantes, (ii) os mediadores do museu e (iii) os componentes expositivos (ver MASSARANI et al., 2019a; MASSARANI et al., 2019b; MASSARANI et al., 2020).

Os vídeos foram visualizados na íntegra para identificar as categorias correspondentes em pontos ou trechos específicos, para considerar a duração da atividade e experiência e para determinar as ocorrências. Na Tabela 2, apresentamos as categorias de análise utilizadas no estudo. A ênfase dada nesta análise está em duas das cinco dimensões, a saber: Tipos de interações e Conversações, por pertencerem aos objetivos da pesquisa e apresentarem a maior frequência das categorias.

Tabela 2 - Categorias de análise utilizadas no estudo

Categorias	Definição	Exemplos
Tipos de interação		
Visitante-visitante	Visitantes conversam entre si, independentemente do conteúdo dessa conversa.	- C2: Na Bahia/ C1: Na Bahia?/ C2: Em 1952/ C1: Onde minha vó nasceu (visualizando os artefatos de povos africanos).
Interação contemplativa	Contemplação, observação e visualização sem toque.	- C1: Aqui tem um violino, Olha!/ A1: Tem um violino?/ C1: Aham, olha. Olha aqui. É verdade, ó/ A1:E

Categories	Definição	Exemplos
		essa coroa filho/ C1: Legal! Olha aqui tem um facão! (observando objetos da família imperial).
Leitura de painel/texto/foto explicativo	Leitura em voz alta de textos (integrais ou parte) de placas informativas, painel, legenda, texto, charge, dos módulos expositivos	- A1: E esse casaco foi de quem? /C1 (leitura): João, João 3. /A1 (leitura): Casaco oficial (lê em voz baixa, e depois continua) Barão de Sorocaba
Conversações		
Conversas sobre exposição e temática não científica	Diálogos sobre temáticas que são abordadas pela exposição, mas que não se referem a temas de ciência.	- C1: Que bonitinho! Esses aqui são pequenos, o três e o quatro/ A1: São moedinhas - A2: Ó o xadrez!/ A1: Ó roupinha de princesa/ C1: Ah! Ai que lindo
Conversas sobre temas de ciência	Diálogos que apresentam ideias, dados ou conteúdos científicos, impacto social da atividade científica, dilemas éticos e morais da ciência, impacto social da atividade científica entre outros. Entram aqui todos os campos de conhecimento científicos.	- A1: Foi os homens da caverna que fizeram, acredita? (sic)/ C1: Não é homens da caverna, é hominídeos (sic)/ A1: Como é?/ C1: Hominídeos/ A1: Hominídeos? Muito bom! (Observando as pinturas rupestres da Serra da Capivara).

Fonte: Adaptado de Massarani et al. (2019c).

Seguindo as orientações éticas de pesquisa, o estudo é aprovado pelo Comitê de Ética da Fundação Oswaldo Cruz (CAAE 10663419.0.0000.5241).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O tempo total de visita dos grupos foi de aproximadamente 289 minutos (4h 48min 59s), com um tempo médio de 26 minutos para a visita de cada família. Ao todo, foram aplicados 678 códigos correspondentes às ocorrências das referidas categorias em análise. A seguir, apresentamos as ocorrências e frequência desses códigos, destacando que as marcações de categorias podem se sobrepor em trechos de atividades, ou seja, há momentos da gravação com mais de uma ocorrência (Tabela 3).

Tabela 3 - Ocorrência e Frequência das categorias analisadas

	Interação contemplativa	Visitante-visitante	Conversas sobre exposição e temática não científica	Conversas sobre ciência	Leitura
Ocorrência	264	190	144	127	99
Percentual (Tempo de código/tempo de visita)	30,4%	62,6%	15%	21,1%	4,67%

Fonte: As autoras (2023).

As interações em família

As pessoas se relacionam com a cultura material em uma variedade de níveis diferentes, incluindo pessoal e compartilhado, e vemos nele uma variedade de significados, incluindo simbólicos, estéticos e funcionais (SWEETMAN; HADFIELD, 2018). Pela sua natureza contemplativa, o MHN, que conta a história do Brasil por meio de objetos representativos de diferentes temáticas, proporcionou às famílias uma visita com *Interação contemplativa*, como verificamos no quantitativo da categoria.

Em alguns grupos, observamos um olhar detalhado para o objeto, com o compartilhamento de suas percepções com os outros integrantes do grupo por meio de conversas, como é o caso das famílias F2 (n=46), F5 (n=33) e F9 (n=29). Em outros grupos, como a F6, que teve o maior número de ocorrência de interação contemplativa (n=66), houve poucas conversas oriundas desse tipo de interação. No entanto, notamos que todas as famílias tiveram momentos de silêncio e contemplação em relação aos artefatos. Esse resultado confirma que, conforme indicam Leinhardt e Crowley (2001), os museus também são lugares de exploração solitária. Em geral, as conversas desencadeadas após a *Interação contemplativa* eram breves, como observamos nos exemplos 1 e 2.

Exemplo 1 - Família 2.

[A1 passa alguns minutos observando os objetos da família real e comenta]

A1: Combina contigo o vestido, C1.

C1: Ah, vai ficar lindo!

Exemplo 2 - Família 6.

[Observando Cocar indígena]

C1: Que irado!

Em algumas contemplações, os visitantes foram mais a fundo em seus comentários, como é o caso do exemplo 3 (F9), em que C1 parou para observar o teto da Sala Jenny Dreyffus e concluíram que esta pintura representava uma guerra.

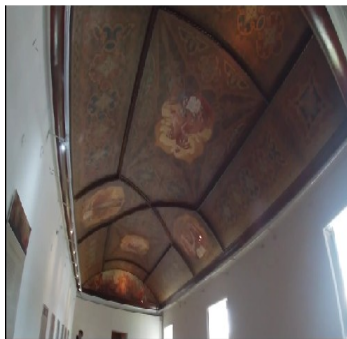
Exemplo 3 - Família 9

[falando sobre a pintura no teto da primeira sala da exposição]

A3: Olha, você viu que legal? / C1: Por incrível que pareça, é... só dá pra entender que é uma guerra na Europa. Só isso... só isso. /A3: deixa eu pegar meus óculos. /C1: É isso que dá pra entender. A3: Agora (incompreensível) /

C1: Deixa eu ver todas as imagens pra eu ver se eu consigo identificar.
[pausa uns minutos o diálogo e fica olhando] Não, totalmente não.

Figura 3 – Teto do Museu



Fonte: As autoras (2023).

A pintura do teto chamou a atenção de outras famílias. Na família 4, as crianças contemplaram os detalhes da pintura e C1, ao deitar no pufe, diz achar “maneira” a pintura e continua dizendo que poderia dormir ali, por ter achado confortável. Na família 5, C1 olha admirado para o teto e diz “Caraca, mano!” em tom de elogio à pintura. Sobre isso, Paris e Hapgood (2002) argumentam que, para que as crianças possam usufruir e navegar pelas histórias naturais e culturais dos objetos, são necessárias sua observação e apreciação, assim como o contato com o discurso que os cerca.

Todos os visitantes têm uma agenda pessoal para a sua visita, influenciada pelos seus próprios conhecimentos, experiências e atitudes (FALK; DIERKING, 1992). No modelo de Falk (2009), o autor segmenta os visitantes em grupos de acordo com sua motivação para visitar os museus, por exemplo, exploradores – pessoas curiosas que adoram se aprofundar nas coisas; amadores profissionais - tem um objetivo muito específico e direcionado para sua visita relacionada ao seu trabalho ou a um hobby; recarregadores – que querem uma pausa mental em um ambiente relaxante e facilitadores - quer que seus amigos e familiares se divirtam. Os autores indicam que os visitantes podem entrar em um museu com uma ou mais dessas identidades e que essas podem mudar entre as visitas e os locais.

No MHN do Rio de Janeiro, verificamos que houve diferentes formas de envolvimento entre os membros de um grupo familiar (*Interação visitante-visitante*). As famílias que mais conversaram durante a visita foram: F1 (n=21), F3(n=23), F5(n=26), F8(n=21) e F9 (n=23). Pudemos observar que na família 1, a avó, a tia e a menina caminharam juntas durante grande parte das exposições, sem se destacarem do núcleo familiar por muito tempo. Neste grupo, a criança demonstrou muito interesse, sempre chamando a atenção das demais integrantes para olhar os objetos. Muitas vezes, a criança fazia perguntas, às quais a avó geralmente respondia. Em seguida, ambas faziam comentários pontuais sobre a estética dos objetos e alguma função que eles podiam ter. Na família 3, as conversas foram iniciadas tanto pelas dúvidas da menina, que fez muitas perguntas aos pais ao longo da visita, como pelos pais, que estimularam a filha em diversos momentos, conversando sobre a função, dando a descrição e nomenclatura dos objetos expostos e contextualizando-os, sempre que possível,

na época, origem e localidade a que pertenciam. O grupo permaneceu junto durante toda a visita. Já na família 5, composta de mãe e dois meninos, as crianças demonstraram bastante curiosidade e, em alguns momentos, tiraram dúvidas com sua mãe. As crianças e a mãe fizeram toda a visita juntos. Na família 8, composta por duas famílias amigas, as conversas foram frequentes, mas mais focadas na logística e organização do grupo, com recorrência de frases como “Cadê eles? Cadê ela?”. O grupo ficou disperso no espaço e, mesmo quando fica nas mesmas salas expositivas, não há muito diálogo sobre assuntos da exposição, entre crianças e adultos. Os adultos estão sempre a dizer: “se comportem”, “não corram” e “não toquem nas peças”. Como o ritmo de orientação do grupo não é estabelecido, há mais limitação para discutir as particularidades dos objetos expositivos. Já na família 9, há conversa em boa parte do tempo de visita. O grupo desenvolve muitas conversas sobre temas científicos, estimuladas principalmente pela leitura que fazem e pelos comentários, que geralmente partem de C1.

A *leitura foi* contabilizada, enquanto ocorrência, 99 vezes. No entanto, sua frequência em relação ao tempo total de visita foi baixa (4,67%), porque as leituras em geral são breves. As famílias que exibiram um maior comportamento de leitura foram F1, F5, F9 e F10. Na família 1, as participantes fazem algumas leituras pontuais, que não se desenvolvem para discussões maiores ou mais complexas, mas descrevem e as ajudam a entender os objetos observados. Com um perfil mais atento e detalhista, na família 5, todos os membros realizaram a leitura durante a visita. A família 9 foi a que mais exibiu comportamento de leitura, realizado com frequência pela criança, tanto para identificar os objetos expostos, quanto para dar subsídios para conversas que discutem os usos e origens deles, a maioria envolvendo ciências. E na família 10 é o pai quem estimula a criança a conversar a partir da leitura. O pai se preocupa se a criança entendeu e gostou da explicação, sempre perguntando a ela.

Exemplo 4 - Família 9

[Expositor com obras de arte e artefatos]

C1: Acho que eu sei o que que é isso, deixa eu ver “astrolábio náutico português”, bem bonito! É de ouro! Ali, mãe, é de ouro! Ah, não, é “bronze dourado”. É, “América, Índia Jupira, 1945, gesso [inaudível]”/ A1: Vê pra mim o cinco/ C1: O cinco?/ A1: Uhum/ C1: Cinco/ A1: Hã, pode ler pra mim?/ C1: “bússola, Pedro Freire Branco, 1786, metal e madeira, Portugal”, só tem isso/ A1: Tá errado/ C1: Concordo/ A1: Aquilo é a bússola (aponta)/ C1: Acho que aquilo era pra ser a bússola/ A1: É, isso é uma bússola/ C1: Esse aqui deixa eu ver se eu encontro alguma [inaudível] “Maria Cambinda” aí tudo bem, “Agulha de marear, conhecida também como [inaudível]”, ó essa aqui ó, “conhecida também como /seis, agulha de Mariá”, então é aquele negócio ali, então só a bússola que tá errada, teria que trocar por essa... mas ta tudo confuso aqui né!?

Exemplo 5 - Família 10

[Sala Jenny Dreyffus]

A2: Tá explicando aí, ó, “Galeria Jenny Drayffus”/ C1: Fala tu, pai/ A2: Hum?/ C1: Fala aqui! (aponta para o texto no quadro/ A2: “Na década de 1930, essa galeria surgiu, serviu como gabinete do diretor e fundador do MHN, Gustavo Barroso, atualmente é dedicado à memória de uma destacada representante

da primeira geração de profissionais formados dos cursos de museus (continua a leitura).

Exemplo 6 – Família 1

[Santa do pau oco]

C1: Vamo ali dentro? (sic) /A2: vamos ver primeiro aqui, que ali a gente já vai sair. /A1: Ó aqui a santinha do pau oco/ C1: [risos] aqui gente! Ali vovó! Oh vó... / A1: É a santinha do pau oco [leitura]... Santa do pau oco, eles botavam dinheiro ali dentro e escondiam, o ouro.

Importante destacar que, como afirmam Borum e colaboradores (1997), a leitura é um comportamento observado que traz evidências de aprendizagem, assim como todos os episódios em que há formulação de perguntas. Nos nossos dados, verificamos que o comportamento de *leitura* do texto envolveu duas atividades principais: identificar objetos individuais, conjuntos de objetos ou processos; e interpretar esses objetos, discutindo seu significado e importância ou respondendo às suas características visuais, como observado no exemplo 4 e 6.

As interações descritas acima, tanto entre os visitantes, quanto com a exposição, em relação ao comportamento de leitura, estão interligadas às diferentes identidades, necessidades, interesses e estilo de cada família. Além disso, a experiência de cada indivíduo, mesmo dentro de seu grupo, é preenchida no museu de acordo com suas expectativas. Sobre isso, Di Pietro e colaboradores (2014) argumentaram que o museu precisa adaptar suas estratégias às diversas origens culturais dos visitantes, em busca de engajar na exposição um público mais amplo.

Os conteúdos conversacionais das famílias no Museu Histórico Nacional

Nas conversas em família, cada indivíduo tem um papel igual e o mesmo direito de controlar seus próprios objetivos para a conversa (BILINGS; FITZGERALD, 2002). A interação dos grupos no MHN evidencia que as famílias estavam bem à vontade em suas conversas. O que é esperado, já que os museus são locais de lazer e, conseqüentemente, conversas triviais são parte da visita (LEINHARDT; CROWLEY, 2001; NODDINGS, 2002). Olhando para a dimensão Conversações, verificamos que as *Conversas sobre temáticas não científicas* e *Conversas sobre ciência* tiveram ocorrências próximas, contabilizadas 144 e 127 vezes, respectivamente. Em *Conversas sobre temáticas não científicas*, os comentários explicitaram curiosidades, emoções, identificação e nomeação, relacionados a itens ou temas expostos no museu, mas não envolvendo informações científicas, como observamos nos exemplos a seguir.

Exemplo 7 - Família 3

[Mural de azulejos]

A1: Eu não tô achando nenhum repetido/ C1: Eu também! Peraí, esse daqui. Esse daqui é repetido? Aqui ó! A1: Não é filha/ C1: Ah não, não é não/ A1: Parece, mas não é/ C1: É.

Exemplo 8 - Família 7

[Expositor com moedas de ouro]

C1: Que bonitinho! Esses aqui são pequenos, o três e o quatro/ A1: São moedinhas.

As *conversas sobre ciência* foram mais presentes nas famílias F4 (n = 14), F5 (n = 15), F9 (n = 25) e F10 (n = 20). Por exemplo, na família 10, C1 fazia comentários sobre os objetos e o pai sempre complementava com explicações e contextualizações históricas e científicas. Na família 5, a leitura foi um comportamento que contribuiu para as *Conversas sobre ciência*, quando C1 fazia a leitura do tema/nome dos módulos e/ou objetos expostos em voz alta para o resto da família ouvir. Já na família 4, as crianças demonstraram muita independência e autonomia durante a visita, conversando muito entre elas e realizando leituras para tentar identificar e explicar os objetos que os interessavam, que, por sua vez, desencadeiam conversas sobre ciência.

Pesquisas que investigam como as famílias se envolvem em exposições sugerem que a forma como os grupos conversam e compartilham informações apoia a compreensão futura dos temas para as crianças (CROWLEY; CALLANAN, 1998; DE ROSNAY, HUGHES, 2006). De maneira geral, essas conversas dão suporte para o entendimento das crianças sobre conceitos científicos, significados estéticos e de seu lugar na história (PARIS; HAPGOOD, 2002, MASSARANI et al., 2019; SCALFI et al., 2021). Rowe (2002) complementa que os adultos podem servir como uma fonte rica de informações, facilitando a apropriação e a participação ativa das crianças nos valores culturais de sua comunidade sociocultural. Assim, as conversas, quando estruturadas no ambiente museal, podem funcionar como um método de aprendizagem cooperativa.

As transcrições do nosso estudo mostram que uma parte substancial das conversas familiares foi relacionada ao conteúdo científico e esteve centrada no aprendizado. Situações em que os adultos pareciam demonstrar empolgação com o aprendizado das crianças, tentando conectar experiências com conhecimento e experiência anterior e dando às crianças informações para o aprendizado futuro, foram identificadas. Nestes casos, podemos verificar que os processos de identificação e explicação estiveram mais interligados.

Exemplo 9 - Família 8

[Painel de palavras indígenas]

A1: Sabe quem são os povos originários? / C1: Sei/ A1: Quem?/ C1: Os indígenas/ A1: Os indígenas!

Exemplo 10 - Família 9

[Painel fósseis Hominídeos]

C1: Aqui Luzia! / A1: Tá vendo?/ C1: Aham., deu na aula de história. “Chegada do homem à Austrália”/ A1: Tem uma data de proposição, foi proposta uma data de que o Brasil começou a ser ocupada 60 mil anos, mas só aceitam que tem 12 mil anos, 12 mil anos! Já tinha gente no Brasil/ C1: Tem uma teoria/ A1: Não, essa aqui é uma data aceita, aquela ali é uma data proposta/ C1: Por quê?/ A1: Pode ter/ C1: Ah é [inaudível] você já me falou disso/ A1: Pode ter até 60 mil anos, mas certamente tem 12 mil/ C1: Claro/ A1: E aí, chega alguém e diz que descobriu o Brasil/ C1: Pffff/ A1: [risos]

Exemplo 11 - Família 3

[Módulo pintura rupestre - Serra da Capivara]

A1: Os croods, filho, brasileiros, entendeu? / C1:Aham/ A1: Pintaram isso aí. O Piteco né, lembra do ... do... da turma da Mônica/ C1: Uhum, ele pinta/ A1: Ele pintava/ C1: Só que não aparece ele pintando

Exemplo 12 - Família 3

[Ferramentas do Paleolítico]

C1: O que é isso? / A1: Eram as armas dos homens das cavernas, as ferramentas, entendeu? [inaudível] enxada/ C1: Isso era pra desenhar também, né? / A1: Também, na pedra. Pra construir alguma coisa/ C1: cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze / A1: Alá, tem cortante, tem socador "mãos-de-pilão" e "machados".

As conversas exibidas nos exemplos anteriores (Exemplos 9 a 12) indicam momentos em que os adultos encorajam as crianças a refletir e compartilhar suas experiências (THOMPSON, 2006). Os pais, como apontado por Leinhardt et al. (2002), "falam" pelos objetos às crianças, ou seja, são os mediadores do conhecimento. No episódio 8, por exemplo, o pai, ao fazer uma pergunta, direciona e amplifica o potencial para uma conversa mais rica. Já no exemplo 11, a mãe faz uso de uma experiência anterior vivenciada pela criança (assistir a um filme) para facilitar a construção de sentido sobre o objeto exposto. Allen (2002) classifica esse tipo de conversa como "*Connecting talk*", ou seja, uma conversa que conecta a exposição a algum outro conhecimento ou experiência, dentro ou fora do museu. Outras evidências de aprendizagem são observadas nos exemplos, como fazer perguntas, dar explicações e estabelecer relações entre o passado e o presente. Observamos ainda que as crianças apresentaram um perfil mais questionador, enquanto os pais exibiram um perfil mais instrutivo para a explicação, resultados semelhantes aos encontrados por Rosenthal e Blankman-Hetrick (2002).

Uma outra parte de *Conversas sobre ciência* foi centrada na identificação, nomeação e caracterização de objetos científicos e culturais, por meio de dedução/interpretação - baseada em conhecimentos prévios, com manifestação de emoções - ou da leitura das legendas dos objetos - nesse caso, com menor aprofundamento ou contextualização do objeto. Exemplos desse tipo de conversa sobre ciência são apresentados a seguir (Exemplos 13, 14 e 15).

Exemplo 13 - Família 4

[Módulo pintura rupestre - Serra da Capivara]

C1: O que vocês estão fazendo?/ C2: Estamos pesquisando sobre animais/
C1: Mas não tem nenhum animal! / C2: Ali é uma serpente/ C1: Onde?/ C2:
Ali ó, serpente do mato/ C1: Tem certeza?/ C2: Tenho.

Exemplo 14 - Família 1

[Observando objetos indígenas]

C1: hahaha Olha!! /A1: É o arco e a flecha /C1: E olha isso daqui! [aponta para o objeto] /A1: É a rede. /C1:Olha aqui o arco! / A2: 28, 28 era a tanga [leitura]. /C1:Olha!! Esse negocinho daqui é o que?? O vóoo... /A1: Não encosta no vidro não, tá maluca!

Figura 3 – Objetos indígenas



Fonte: As autoras (2013).

Exemplo 15 - Família 7

[Painel sobre povos originários contendo palavras de uso popular]

C1: Olha! Urubu, impagara, tatu, ibacacabada (leitura)

As conversas acima trazem exemplos de como a identificação dos objetos está diretamente relacionada à atenção dos sujeitos, sendo, portanto, uma habilidade cognitiva importante para a percepção dos objetos (ALLEN, 2002; LEPORO, 2015). Diferentes autores investigam a presença de aspectos do raciocínio científico ou habilidades de investigação como uma forma de entender como as exposições medeiam o aprendizado e o discurso da ciência (por exemplo, ASH, 2003, 2004; ALLEN, 2002). Alinhados com uma perspectiva de aprendizagem sociocultural, consideramos que nas elaborações conversacionais em que os visitantes identificam, nomeiam e caracterizam os objetos científicos e culturais, eles estão demonstrando evidências de sua experiência de aprendizado, uma vez que eles estabelecem conexões, lembram de algum conhecimento e contrapõem informações.

A construção de significado pelas famílias

As exposições em museus de história expõem objetos que representam um *continuum* de ideias abstratas e interrelacionadas. O valor social, cultural e educacional que estes objetos apresentam é altamente dependente do contexto no qual esse objeto existe, bem como da relação desse objeto com o público (PARIS, HAPGOOD, 2002). Para Sweetman e Hadfield (2018) os objetos dependem das pessoas e de outros objetos, assim como as pessoas dependem de objetos e de outras pessoas. Dessa forma, um mesmo objeto pode despertar ou não muita curiosidade ou admiração em alguém, assumindo significados particulares para o visitante. Em nosso estudo, podemos verificar como os objetos despertaram significados para as famílias visitantes.

Exemplo 16 - Família 2

[Quadro de Leandro Joaquim - “Pesca da Baleia na Baía de Guanabara”]

A1: Pesca da baleia [leitura de placa]. Tinha baleia aqui!

Exemplo 17 - Família 5

[Altar de Oxalá]

A1: Umbandista é uma religião. E aí, Deus é conhecido como oxalá, então esse é o altar de oxalá/ C1: Ah, entendi/ A1: É a religião deles, entendeu?/ C1: Uhum/ A1: É todo branquinho, viu, lindo né!/? C1: É bem branquinho e lindo... “altar de oxalá”/A1: É na religião, é Deus, chama de Oxalá.

No exemplo 16, A1, ao observar um quadro na parede representando a caça às baleias na baía de Guanabara, se surpreende com uma informação científica que não conhecia. Já na família 5 (exemplo 17), a construção de sentido se dá quando C1 passa a entender o significado de Oxalá para a religião Umbanda. Assim, a partir dos objetos, foi promovida uma compreensão enriquecida e significativa. Destacamos, ainda, dois exemplos da família 1 (exemplos 18 e 19), que identificamos como de grande importância sociocultural e de construção de sentido para a família, conforme argumentaremos a seguir.

Exemplo 18 - Família 1

[Módulo senzala]

C1: Quem é aquela moça fazendo a comida? / A1: Ela tá fazendo a comida/
C1: Oh ... e eles, tá fazendo o que? (sic) Eles! [apontando para os outros bonecos representados na maquete] / A1: aquelas pessoas estão presas no tronco / C1: coitados.

Figura 4 – Maquete de senzala



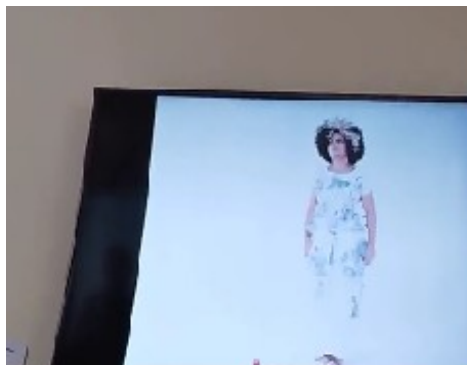
Fonte: As autoras (2023).

Exemplo 19 - Família 1

[Representação artística na sala “Entre mundos”]

C1: Que interessante!! Vó, tô vendo um monte de coisa. Olha que bonito! [assistindo um vídeo] A1: Olha menina, cuidado pra não ficar com o dedo furado. /A2: Ela tá costurando. / C1: Eu to vendo... eu estou vendo... olha que bonito! /A2: vem! /C1: Eu to vendo ali... eu tenho que terminar de ver [argumenta com a tia que precisa terminar de ver o vídeo] /A1: vamos, já vimos! / C1: mas eu quero ver mais um pouquinho... [a menina demonstra muito interesse no vídeo e pede à família para que espere ela terminar de ver]. /A1: Vamos lá embaixo... /C1: hum [reclama] eu não quero, eu quero ver o resto. Mas se acabar e eu não ver o resto? /A1: Tá certo, vê! [a avó começa a prestar atenção no vídeo também] /C1: O que que ela tá fazendo? Que ela está fazendo? /A1: deixa ela acabar de ver aqui. /C1: Olha que vestido bonito que ficou Olha a menininha...(fala animada ao ver a menina) acabou (fala triste).

Figura 5 – Vídeo na sala “Entre mundos”



Fonte: As autoras (2023).

A construção de significado é um processo social, assim como o aprendizado. Enquanto os indivíduos constroem significado em suas próprias mentes, os significados que eles criam são moldados por influências sociais e culturais (SILVERMAN, 1999; TARDONA, 2005). No módulo senzala que trata sobre escravidão e resistência do povo negro por meio de uma maquete, verificamos que, no exemplo 18, a menina se mobiliza com uma informação sobre os escravos e, como comida, responde: “coitados”. Nesse episódio, é abordado um fato histórico completamente essencial para entendermos a origem da nossa cultura racista e a permanência do colonialismo na nossa sociedade: a escravidão no Brasil. Já o episódio 19 é interessante para abordar o tema da identidade. C1 demonstra se reconhecer na figura de uma menina negra (assim como ela) que faz um vídeo no museu sobre o protagonismo negro na cultura, C1 fica maravilhada por ver a menina no vídeo e comenta: “parece comigo, que linda!” “olha o vestido dela” “Muito bonita!” e pede para ver de novo várias vezes, demonstrando a importância da representatividade negra nos museus. Um estudo realizado por Silverman (1999) apoia esse resultado, visto que os visitantes que a autora estudou construíram um significado sobre si mesmos, incluindo sua identidade, seu lugar no mundo e o significado de suas vidas, enfatizando assim a importância de que os programas interpretativos sejam relevantes.

Black (2012) definiu a criação de significado como a recontextualização do objeto, por parte do visitante. Como tal, implica tanto a agência do visitante do museu para tirar suas próprias conclusões, como a multiplicidade de possíveis interpretações do objeto (FALK; DIERKING, 1992). Nossos dados reforçam que as pessoas dão sentido às coisas em suas vidas diárias, porém, é importante indicar que nem todo mundo faz o mesmo significado da mesma coisa (SCHIAVO, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi compreender a experiência de visita de famílias que visitavam exposições no MHN do Rio de Janeiro, por meio da análise da interação entre os visitantes e com a exposição, e do conteúdo das conversas.

As conversas que ocorreram no MHN foram importantes para as famílias construírem entendimentos de cultura, história e ciência. Neste contexto, os

objetos foram fundamentais para apoiar a aprendizagem, porque são evidências de um determinado tempo e cultura que, para serem compreendidos, precisam de uma definição, explicação e contextualização aceitáveis. Podemos argumentar que os objetos, além de carregarem o conhecimento em si, foram pontes para que outros e novos conhecimentos pudessem ser interligados pelas famílias. Além disso, as características dos objetos atraíram os visitantes para experiências que foram percebidas de diferentes formas por cada um.

Entre as conversas que apresentaram processos e resultados de aprendizagem, foi observado o uso de estratégias tais como: a identificação dos objetos por dedução ou especulação; a leitura; a ativação de conhecimento prévio; a formulação de perguntas, explicações e interpretações. Além disso, as conversas foram modeladas por outras habilidades, como a observação, a comparação e a investigação.

Nossos resultados trazem ainda evidências de que a interação contemplativa, que o museu proporciona por meio da exposição de objetos, foi enriquecedora para as interpretações e os significados que as famílias construíram. As famílias deste estudo estabeleceram conexões significativas, de cunho cognitivo e emocional, e esses significados foram feitos por meio da experiência pessoal de cada um, em interação com os conteúdos do museu. Contribuíram para isso as múltiplas experiências pessoais, a contemplação de diversos objetos, a leitura e o compartilhamento de conhecimento entre os participantes. Importante observar que, mesmo que as experiências das famílias sejam aproximadamente equivalentes, o aprendido não é o mesmo.

Assim, identificamos que o MHN, por meio de seus objetos, possibilitou às famílias compreender mais sobre a história e cultura brasileira e, com isso, enriqueceu os processos e resultados de aprendizagem e o reconhecimento do contexto sociocultural e da diversidade cultural, o que consideramos fundamental para a educação científica. Para finalizar, consideramos que os museus, de modo geral, precisam estar atentos ao contexto sociocultural particular das pessoas, porque é a partir dessas identificações e reconhecimentos com a exposição que surgem as faíscas para a construção de sentido individual ou coletivo.

Looking at objects in the National Historical Museum: an analysis of family conversations and interactions

ABSTRACT

This study analyzes the results of interactions and conversations between families visiting exhibitions at the National Historical Museum (MHN), located in Rio de Janeiro. To explore the visiting experience, eleven families had their visits recorded with a subjective camera attached to a vest and adjusted to the chest of one participant from each group. The audiovisual material was analyzed using the Dedoose software to identify the types of interactions with the exhibition, with each other and with the conversational content. The results provide evidence that the conversations that took place at the MHN were important for families to build understandings of culture, history and science. In this context, objects were fundamental to supporting learning, because they are evidence of a certain time and culture that, to be understood, need an acceptable definition, explanation and contextualization. Furthermore, the contemplative interaction provided by the MHN enriched the interpretations and meanings that the families constructed.

KEYWORDS: Families. Conversations. History Museums.

AGRADECIMENTOS

Este estudo foi realizado no escopo do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia, com apoio financeiro das agências de fomento Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, 465658/2014-8) e Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ, E-26/200.89972018). O estudo também se insere no projeto apoiado pelo Edital Universal 2018 do CNPq (405249/2018-7), liderado por Luisa Massarani. A autora Luisa Massarani agradece a Bolsa de Produtividade 1B do CNPq e a Faperj pela bolsa Cientista do Nosso Estado. Grazielle Scalfi e Juliane Magalhães agradecem ao CNPq pela bolsa DTI. As autoras Waneicy Gonçalves e Juliane Barros agradecem à Casa de Oswaldo Cruz pela bolsa Fiotec. Alice Ribeiro agradece à FAPERJ pela bolsa TCT5. Agradecemos ao Museu Histórico Nacional por permitir a coleta de dados e às famílias que aceitaram nosso convite, possibilitando o desenvolvimento deste estudo.

NOTAS

1. A referida exposição homenageava o artista Ziraldo e ficou no museu até 29 de abril de 2022, tendo atraído grande público, segundo o próprio museu. Fontes: <https://mhn.museus.gov.br/index.php/retrospectiva-centenario-do-mhn-foi-destaque-nas-acoes-realizadas-neste-ano/> e <http://mhn.museus.gov.br/index.php/exposicao-que-homenageia-os-90-anos-do-artista-ziraldo-e-prorrogada-ate-29-de-abril/> Último acesso em: 03/02/2023.

REFERÊNCIAS

- ALLARD, M.; BOUCHER, S. **Éduquer au musée. Un modèle théorique de pédagogie muséale**. Éditions Hurtubise HMH Ltée, 1998.
- ALLEN, S. Looking for learning in visitor talk: A methodological exploration. *In*: LEINHARDT, G., CROWLEY, K., KNUTSON, K. (Eds.). **Learning Conversations in Museums** (pp. 259-303). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2002.
- ASH, D. Reflective scientific sense-making dialogue in two languages: The science in the dialogue and the dialogue in the science. **Science Education** v.88, p.855-884, 2004.
- ASH, D. Negotiation of Biological Conversations in Informal Learning Settings, *In*: G. LEINHARDT, K. CROWLEY and K. KNUTSON (eds) **Learning Conversations: Explanation and Identity in Museums** (pp. 371–400). Mahwah, NJ: Laurence Erlbaum Associates, 2002.
- ASH, D. Dialogic inquiry in life science conversations of family groups in a museum. **Journal of Research in Science Teaching**, v.40, n.2, p. 138–162, 2003. <https://doi.org/10.1002/tea.10069>

ATTISANO, E.; NANCEKIVELL, S. E.; TRAN, S., DENISON, S. So, what is it? Examining parent-child interactions while talking about artifacts in a museum, **Early Childhood Research Quarterly**, v. 60, p. 187-200, 2002.

BILLINGS, L.; FITZGERALD, J. Dialogic discussion and the paideia seminar, **American Educational Research Journal**, v. 39, n. 4, 907-941, 2002.

BLACK, G. **Transforming Museums in the Twenty-First Century**. Abingdon: Routledge, 2012.

BORUN, M. Object-Based Learning and Family Groups. In S.G. Paris, **Perspectives on Object-Centered Learning in Museums** (1st ed). Mahwah, NJ: Erlbaum, 2002.

BORUN, M. and Dritsas, J. Developing Family-Friendly Exhibits. **Curator: The Museum Journal**, v.40: p.178-196, 1997. <https://doi.org/10.1111/j.2151-6952.1997.tb01302.x>

BRISÑO-GARZON, A. Exploring family learning in a Mexican science museum from a Latin American socio-cultural perspective. **Tese de doutorado**. University of British Columbia, 2010.

CHAGAS, M. Museu de Ciência: assim é, se lhe parece. In: Museu da Vida e Museu de Astronomia e Ciências Afins. **Caderno do Museu da Vida: o formal e o não-formal na dimensão educativa**. pp. 46-59, 2001/2002.

CROWLEY, K.; CALLANAN, M. Describing and supporting collaborative scientific thinking in parent-child interactions. **Journal of Museum Education**, v.23, p. 12-17, 1998.

DE ROSNAY, M.; HUGHES, C. Conversation and theory of mind: Do children Museum Conversations 21 talk their way to social-cognitive understanding? **British Journal of Developmental Psychology**, v.00, p.1-31, 2006.

DI PIETRO, L.; MUGION, R. G.; RENZI, M.F.; TONI, M. An Audience-Centric Approach for Museums Sustainability. **Sustainability**, v. 6, n. 9, p. 5745-5762, 2014.

FALK, J. H.; DIERKING, L. D. **The Museum Experience**, Washington, D.C: Whalesback Books, 1992.

FALK, J. H. **Identity and the Museum Visitor Experience**. Walnut Creek: Left Coast Press Inc., 2009.

FALK, J. H.; DIERKING, L.D. **Learning from museums: Visitor experiences and the making of meaning**. Walnut Creek, CA: AltaMira Press, 2000.

GURIAN, E. What is the Object of This Exercise? A Meandering Exploration of the Many Meanings of Objects in Museums. **Daedalus**, v.128, n. 3, p. 163-183, 1999.

HUMPHREY, T. GUTWILL, J. P. (Eds.). **Fostering active prolonged engagement: The art of creating APE exhibits**. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2005.

IBRAM. **Museus em Números**. vol. 2. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus. 2011

JOHNSON, D. W.; JOHNSON, R. Learning together and alone: Cooperation, competition, and individualization (2nd ed.). *In*: Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Ha

Learning conversations in museums (pp. 305–329). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1987.

LEINHARDT, G.; K. Knutson. **Listening in on Museum Conversations**. Lanham, MD: AltaMira Press, 2004.

LEINHARDT, G.; CROWLEY, K. Objects of Learning, Objects of Talk: Changing Minds in Museums. In: Paris, S. G. **Perspectives on object-centered learning in museums**. Mahwah, N.J: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

LEINHARDT, G.; KNUTSON, K. Grandparents speak: Museum conversations across the generations. **Curator: The Museum Journal**, v. 49, n.2, p.235–252, 2006. <https://doi.org/10.1111/j.2151-6952.2006.tb00215.x>

LEINHARDT, G.; Crowley, K.; Knutson, K. (Eds.). **Learning conversations in museums**. Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2002.

LEIVA, J. **Cultura nas capitais: como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte**. 17Street Produção Cultural, Rio de Janeiro, 2018.

LEÓN, A. **El museo: Teoría, praxis y utopía**. Madrid: Ediciones Catedra, 1998.

LEPORO, N. **Pequenos visitantes na exposição “o mundo gigante dos micróbios”: um estudo sobre a percepção**, Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MARANDINO, M. Educação em museus e divulgação científica. **ComCiência**, Campinas, n.100, 2008.

MASSARANI, L. BOTELHO, J. P., SCALFI, G., PINTO, A. V. P. F., MAGALHÃES, J. A., ROCHA, J. N. Experiências de aprendizagem em visita familiar à exposição “Quando nem tudo era gelo” do Museu Nacional. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências** (Belo Horizonte) [online]. v. 24, 2022.

MASSARANI, L., FAZIO, M. E., NORBERTO ROCHA, J., DÁVILA, A., ESPINOSA, S., BOGNANNI, F. A. La interactividad en los museos de ciencias, pivote entre expectativas y hechos empíricos: el caso del Centro Interactivo de Ciencia y Tecnología Abremate (Argentina). **Ciência & Educação** (Bauru), v.25, n.2, p.467-484. 2019b. <https://doi.org/10.1590/1516-731320190020012>

MASSARANI, L., POENARU, L. M., NORBERTO ROCHA, J., ROWE S., FALLA, S. Adolescents learning with exhibits and explainers: the case of Maloka, **International Journal of Science Education**, Part B, v.9, n.3, p.253-267, 2019c. <https://doi.org/10.1080/21548455.2019.1646439>

MASSARANI, L., REZNIK, G., NORBERTO ROCHA, J., FALLA, S., ROWE, S., MARTINS, A. D., & AMORIM, L. A experiência de adolescentes ao visitar um museu de ciência: um estudo no Museu da Vida. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências** (Belo Horizonte), v.21. 2019a <https://doi.org/10.1590/1983-21172019210115>

MASSARANI, L., SCALFI, G., NORBERTO-ROCHA, J., VELLOSO LUZ, R.; MARANDINO, M. A experiência interativa de famílias em um museu de ciências: um estudo no Museu de Ciência e Tecnologia de Porto Alegre. **Revista Investigações em Ensino de Ciências (IENCI)**, v.26, n. 1 p. 261-284, 2021a. <http://dx.doi.org/10.22600/15188795.ienci2021v26n1p261>

MAYER, M. M. Scintillating conversations in art museums. *In*: P. Villeneuve (Ed.), **From periphery to center: Art museum education in the 21st century** (pp. 188-193). Reston, VA: National Art Education Association, 2007.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. **Museu Histórico Nacional - Plano Museológico 2020-2023**. Rio de Janeiro: MHN. 64p. 2020.

NODDINGS, N. **The challenge to care in schools**. New York: Teachers College Press. 1992.

NODDINGS, N. **Educating moral people: A caring alternative to character education**. New York: Teachers College. 2002.

PARIS, S.G. (Ed.). **Perspectives on Object-Centered Learning in Museums** (1st ed.). Routledge. 2002. <https://doi.org/10.4324/9781410604132>

PARIS, S. G.; HAPGOOD, S. E. Children learning with objects in informal learning environments. *In*: S. G. Paris (Ed.), **Perspectives on object-centered learning in museums** (pp. 37–54). Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2002.

ROSENTHAL, E; BLANKMAN-HETRICK, J. Conversations across time: Family learning in a living history museum. *In* Leinhardt, G., Crowley, K., & Knutson, K. (Eds.). (2002). **Learning Conversations in Museums** (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781410606624>

ROWE, S. The role of objects in active, distributed, meaning making. *In* S. Paris (Ed.), **Perspectives on object centered learning in museums** (pp. 19–35). New York: Lawrence Erlbaum. 2002.

SCALFI, G., MASSARANI, L., BIZERRA, A., MAGALHÃES, J. A. Analysing family conversations and interactions during visits to Parque das Aves (Foz do Iguaçu, Brazil) from children's perspective, **Leisure Studies**, 2002. <https://doi.org/10.1080/02614367.2022.2043418>

SCHIAVO, L. (2013). Object Lessons: Making Meaning from Things in History Museum, **Exhibitionist**, v.13, p. 48-52, 2013.

SILVERMAN, L.H. **Of us and other "things": The content and functions of museum talk by adult visitor pairs in an and a history museum**. Unpublished doctoral dissertation, University of Pennsylvania. 1990.

SWEETMAN, R J & HADFIELD, A. Artefact or art? Perceiving objects via object-viewing, object-handling, and virtual reality, **University Museums and Collections Journal**, v. 10, p 46-66, 2018.

TARDONA, D. R. Exploring evolved psychological underpinnings of universal concepts and meaningful connections. **Journal of Interpretation Research**, 10(1), 69-74, 2005.

TENENBAUM, H. R., Prior, J., Dowling, C. L., Frost, R. E. Supporting parent child conversations in a history museum. **British Journal of Educational Psychology**, v.80, n.2, p.241–254, 2010. <https://doi.org/doi:10.1348/000709909X470799>

THOMPSON, R. A. Conversation and developing understanding: Introduction to the special issue. *Merrill-Palmer Quarterly*, v. 52, p. 1–16, 2006.

USS Constitution Museum. *Engage Families*. 2018. <https://engagefamilies.org/about/>

YANKELOVICH, D. **The magic of dialogue: Transforming conflict into cooperation.** New York: Simon & Schuster, 1999.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Bookman. 2001.

Recebido: 13 fev. 2023

Aprovado: 13 set. 2023

DOI: 10.3895/actio.v8n3.16412

Como citar:

MASSARANI, Luisa; SCALFI, Grazielle; GONÇALVES, Waneicy; MAGALHÃES, Juliana; RIBEIRO, Alice; SILVA, Juliane Barros da. Olhando para os objetos no Museu Histórico Nacional: uma análise das conversas e interações de famílias. **ACTIO**, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 1-25, set./dez. 2023. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/actio>>. Acesso em: XXX

Correspondência:

Luisa Massarani

Avenida Brasil, 4365, 21040-900, Rio de Janeiro. Brazil

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

